

**ARTIGO**

**REPRESENTAÇÕES SOBRE CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADES DE  
ESTUDANTES DAS LICENCIATURAS DO INSTITUTO FEDERAL DE SERGIPE,  
CAMPUS ARACAJU**

Representations on body, gender and sexualities of students of the licenciature courses of the  
Federal Institute of Sergipe, *campus* Aracaju

Representaciones de cuerpo, género y sexualidades de estudiantes de grado del Instituto  
Federal de Sergipe, *campus* Aracaju

*Helma de Melo Cardoso*

Universidade Federal de Sergipe –Brasil

*Alfrancio Ferreira Dias*

Universidade Federal de Sergipe –Brasil

76

**Resumo**

Neste texto discutimos os discursos que atravessam as representações dos estudantes das licenciaturas do Instituto Federal de Sergipe (IFS), *Campus* Aracaju, a respeito do corpo, gênero e sexualidades, durante o processo formativo. Nossa análise é influenciada pelos pressupostos teórico-metodológicos da abordagem pós-crítica, realizando como estratégia metodológica para produção de dados um grupo focal com a participação de cinco estudantes (quatro do gênero feminino e um do masculino). As representações das/os estudantes são atravessados pela heteronormatividade e reforçam a visão dicotômica de corpo, gênero e sexualidades, com pouca expressão de subversões, bem como a ausência dessas temáticas nos currículos dos cursos, prejudicando a disseminação de práticas formativas que desconstruam estereótipos.

**Palavras-chave:** Gênero. Diversidade Sexual. Formação Docente.

**Abstract**

In this paper we discuss the discourses produced by students of the licenciature courses of the Federal Institute of Sergipe (FIS), *Campus* Aracaju, about the body, gender and sexuality, during the formative process. Our analysis is influenced by the theoretical and methodological assumptions of the post-critical approach, performing as a methodological strategy for data production a focus group with the participation of five students (four females and one male). The representations of the students are crossed by the heteronormativity and they reinforce the dichotomous view of body, gender and sexuality, with little expression of subversions, as well

as the absence of these themes in the curriculum of the courses, prejudicing the dissemination of training practices that deconstruct stereotypes.

**Keywords:** Gender. Sexual diversity. Teacher Training.

### **Resumen**

En este trabajo se discuten que atraviesan las representaciones de los estudiantes de los grados del Instituto Federal de Sergipe (IFS), Campus Aracaju, sobre el cuerpo, el género y la sexualidad, durante el proceso de formación. Nuestro análisis se ve influenciada por los supuestos teóricos y metodológicos del enfoque post-crítica, actuando como una estrategia metodológica para la producción de datos de un grupo de discusión con la participación de cinco estudiantes (cuatro mujeres y un hombre). Las representaciones de los estudiantes son atravesadas por la heteronormatividad y refuerzan la dicotomía de cuerpo, el género y la sexualidad, con poca expresión de la subversión, y la ausencia de estos temas en los planes de estudio de los cursos, lo que dificulta la difusión de las prácticas de formación que deconstruyen los estereotipos.

**Palabras clave:** Género. La diversidad sexual. Formación Docente.

### **Introdução**

77

A discussão sobre corpo, gênero e sexualidades é um tema que revela complexidade e riqueza de possibilidades de enfoque, pelo reconhecimento do longo período a ser percorrido para que a sociedade brasileira obtenha uma política educacional não discriminadora. Nessa perspectiva, algo nos é provocado, a partir do entendimento de que não é possível desvincular essa temática de todos os demais aspectos que nos constituem como pessoas.

É com este olhar que nasce a preocupação com os jovens estudantes da educação básica, a partir da observação da formação docente, por perceber que muitos licenciados poderiam sair das faculdades sem conhecer a temática do corpo, gênero e sexualidades e se depararem com a diferença em sala de aula sem o preparo necessário. Ao mesmo tempo, nos perguntamos se não houve a introdução da discussão da diversidade no currículo das licenciaturas, dada a maior reentrância do tema nos últimos anos.

Há grande necessidade de que este tema seja abordado numa perspectiva questionadora ainda na formação de professores, destacando suas possibilidades e responsabilidades numa educação sem exclusões, visto que o mesmo aparece de forma imprevista em sala de aula, não escolhe disciplina, nem momento e, portanto, a princípio todo/a professor/a deve estar preparado/a para a primeira abordagem. A abordagem sobre a

temática do corpo, gênero e sexualidade não pode ser realizada com os conhecimentos do senso comum ou ainda da religião (SEFFNER, 2011).

Assim, procuramos compreender quais os discursos que atravessam as representações<sup>1</sup> dos/as estudantes das licenciaturas do Instituto Federal de Educação (IFS) a respeito do corpo, gênero e sexualidades durante o processo formativo. Os princípios teórico-metodológicos que fundamentam esta pesquisa estão ancorados nos estudos de gênero pós-estruturalistas que se afastam das correntes teóricas que propagam o binarismo teoria/prática, visto que não há como dar sentido às vivências e discursos sem um corpo teórico para se ancorar, assim como sem a prática não se formulariam teorias. A perspectiva pós-crítica abandona o caráter normativo da pesquisa e busca mostrar que os fenômenos sociais são múltiplos e heterogêneos, sem a intenção de criar teorias ou metanarrativas. Assim, foi realizado um grupo focal como estratégia metodológica para produção de dados com a participação de um pesquisador e uma pesquisadora, e de cinco estudantes (quatro do gênero feminino e um do masculino). A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da Universidade Federal de Sergipe, através do processo CAAE 46699215.8.0000.5546.

Para analisar as falas dos/as participantes desta pesquisa, buscamos captar os enunciados sobre corpo, gênero e sexualidades na formação docente por meio das representações de estudantes em formação. Procuramos trazer as representações dos/as participantes da pesquisa a partir de dois enunciados: dicotomia sexo/gênero, corpo e diversidade sexual, gênero e ciência, visando a promover uma visão geral do que foi discutido no grupo focal.

### **Dicotomia sexo/gênero**

Antes mesmo do nascimento, a descoberta de que a criança é um menino ou uma menina já determina todo um processo de se constituir um corpo feminino ou masculino, assim “[...] afirma-se e reitera-se uma sequência de muitos modos já consagrada, a sequência sexo-gênero-sexualidade.” (LOURO, 2015, p. 15). Sob essa lógica supõe-se que o sexo determina o gênero e todo um trabalho insistente é posto em prática para inscrever feminilidade ou masculinidade nos corpos. Essas construções socioculturais-linguísticas-históricas passam a ser vistas como naturais. Esta discussão foi iniciada por um tema gerador, ocasião em que solicitamos que cada participante escrevesse no papel o que

---

1 Entende-se representação, conforme Meyer (2010), como um modo de produção de significado na cultura. Processo que implica relações de poder e ocorre a partir da linguagem.

representa ser homem e ser mulher e, posteriormente, os papéis foram passando em sentido anti-horário para que todos pudessem ler as respostas dos colegas até que cada um tivesse seu papel em mãos novamente.

Encontramos em todas as respostas que os estereótipos de gênero marcam suas concepções de ser homem de ser mulher, que exemplificam marcadamente com características biológicas e comportamentais:

**Quadro 1: Representações sobre os significados de ser homem e mulher**

Participante	Homem	Mulher
A	Físico mais forte, pelos, voz, corpo maior, rude, prático, pai por genética	Mais delicada, hormônios, corpo menor, organizada, mãe geneticamente.
B	Ser homem representa ter um pênis (código genético XY), pelos, ombros largos, voz mais grossa, mais racional, pomo de adão.	Ser mulher representa ter uma vagina (código genético XX), peitos, gera filhos, menstrua, mais sentimental.
C	Além das diferenças genéticas, biológicas e físicas, ser homem é arcar com as consequências, assumir responsabilidades. Pelos, pênis, pomo de adão, frio, racional, mais força física, musculatura mais forte.	Ser mulher é ter amor (materno), carinhosa e sensível. Estressada, seios avantajados, bundas avantajadas, carinhosa, companheira, amorosa.
D	Força, objetividade, voz mais grave, ter respeito à mulher.	Gerar filhos, sensibilidade e voz mais aguda.
E	A diferença é o fator genético: XX e XY. Símbolo de força.	A mulher normalmente é mais sensível e consegue prestar mais atenção no que ocorre a sua volta.

Fonte: Pesquisa de campo (2015).

A diferença entre homem e mulher, no discurso dos/as participantes, fica marcada pelos caracteres físicos e genéticos que seriam causadores primeiros das diferenças entre os comportamentos. Atributos como sensibilidade, atenção, carinho, organização e delicadeza seriam todos inerentes às mulheres, enquanto a força, a racionalidade, a rudeza, frieza, a praticidade seriam características masculinas.

Importante notar que todos/as os/as participantes utilizaram adjetivos ligados ao sentimento e à delicadeza exclusivamente para a mulher, mesmo sabendo que todos/as são pessoas e, por isso, expressam sentimentos diversos, independente do gênero ou identidade sexual. Contudo, esta marca recai sobre as mulheres, muitas vezes num tom pejorativo, limitante, podendo mesmo excluí-la de espaços e atividades. Nas palavras de Santos (2013, p. 213), “[...] ainda causa estranhamento quando alguém de quem se espera leituras emotivas de um poema apareça consertando máquinas elétricas e gritando impropérios.”

Ao analisarmos que as características culturais listadas acima tanto podem pertencer a homens como a mulheres, cabe-nos esclarecer que não existe uma essência feminina ou

masculina, pois são características culturais aprendidas pela educação diferenciada que é imposta a meninos e meninas, na família, escola e outras instituições. É importante perceber que as características culturais apontadas, tais como sensibilidade, racionalidade e outras habilidades, temperamentos e qualidades variam entre as pessoas, independente do sexo biológico.

Os discursos médico e biológico, nos quais se amparam as concepções dos/as estudantes, revestem-se de grande importância, de saber-poder, visto que alcançaram, modernamente, credibilidade de se tornarem parâmetros de verdade acerca dos conhecimentos sobre a condição humana. Convém, no entanto, lembrar que desde 1990 a homossexualidade não figura mais no Código Internacional de Doenças (CID). Para Junqueira (2009), é importante o reconhecimento pela comunidade médica, mas considera problemática a necessidade de reconhecimento da diversidade sexual por esses discursos. O autor acredita que essa credibilidade pode tanto facilitar como limitar a construção e o reconhecimento dos novos direitos. E acrescenta:

Diante das “verdades” da medicina e da clínica, é preciso não esquecer que todas as formas de conhecimento, pensamento ou prática social, são construções interpretadas de concepções de mundo, ideologias, relações de força, interesses e que, assim como qualquer forma de conhecimento, seus enunciados e enunciações são produzidos em meios de tensões sociais, históricas, culturais, políticas, jurídicas, econômicas, etc. (JUNQUEIRA, 2009, p. 371).

80

Além disso, não se pode perder de vista que o conhecimento produzido acerca da sexualidade, independente de ser da Medicina ou outra área, podem estar acompanhado por fortes padrões de moralidade e religiosidade da época. Compreender isso é imprescindível para entender a preocupação dos discursos biológicos, médico e clínico em procurar causas naturais para a homossexualidade.

As características listadas no quadro 04 surgem em consequência de um aprendizado que começa ainda na infância, quando os meninos são incentivados a serem fortes, viris, heroicos, e as meninas a serem delicadas, maternais e preocupadas com a beleza. No entanto, tais características podem pertencer tanto a homens quanto a mulheres, cabe esclarecer que não existe uma essência feminina ou masculina, pois são características aprendidas pela educação diferenciada que é imposta a meninos e meninas, na família, escola e outras instituições. É importante perceber que as características culturais, como sensibilidade, racionalidade e outras habilidades, temperamentos e qualidades variam entre as pessoas, independente do sexo biológico, pois o gênero, segundo Carvalho, Andrade e

Menezes (2009), é uma estrutura de dominação simbólica, uma construção social permeada por relações de poder baseadas na superioridade masculina, que traz como modelo o homem branco e heterossexual.

Quando passamos para a discussão depois da leitura dos papéis, alguns reconheceram as contradições em seus próprios discursos, quanto à determinação de comportamentos sociais determinados biologicamente:

Na verdade eu achei muito machista, até a da gente mulher. “Símbolo de força”? Não, mas eu sou forte. Porque o homem que arca com as consequências? Sua mãe não arca com as consequências de ter tido você não? (Participante B).

Nesse momento, a participante B questiona seu colega sobre a responsabilidade somente do homem de assumir um filho, como se à mulher esse papel já fosse inerente. A participante E, durante a discussão sobre as características femininas como sensível, fraca, afirma: “As mulheres foram colocadas nesse lugar”, reconhecendo que tais caracteres não são naturais, mas impostos sócio-historicamente. Aqui percebemos que o discurso das participantes B e E trazem uma compreensão quanto à diferença entre sexo e gênero; e mais: questionam a submissão feminina, inclusive a participante B descreveu-se como “forte”, mostrando que mesmo que haja a assimetria entre homem e mulher, há também o espaço para a subversão dessa ordem, quando ela mesmo se questiona das respostas listadas no quadro 01, e reconhece que a própria mulher traz os estereótipos de inferioridade para si. Isso ocorre porque, segundo Louro (2008), as relações de gênero são produzidas e reproduzidas a partir de relações de poder, mediante as quais foram constituídas, de forma hierárquica, as relações entre homens e mulheres.

Cabe destaque a opinião da participante A expondo que o meio, como chama o espaço sociocultural, vai determinar se o homem ou a mulher será mais fraco ou forte, mais sensível, mais racional, mas, para ela, não são estas características que marcam o gênero, mas a sua condição física no nascimento e traz argumentos “científicos”, pois o homem já provou que o meio social pode modelar o comportamento, mas não mudará o que está determinado geneticamente (ser homem ou ser mulher), como podemos perceber abaixo:

O meio vai favorecer a ser uma mulher, como ela disse, mais forte, mais sensível, essas coisas. Mas se você nasceu mulher é mulher, se nasceu homem é homem. Porque geneticamente somos diferentes. Mas o meio vai favorecer isso. Você pode ser homem, ah homem não chora. Como ser humano, o externo vai favorecer isso se você vais ser uma mulher que desde o início está ali na batalha, você vai ser mais forte. Até a ciência mesmo já

diz, é o meio, o meio faz isso vai fazer você mudar, você fazer o animal ser mais forte, vai fazer que o animal se desenvolva, nós somos animais, seja no meio social e cultural o que for né, assim, não que o meio vai mudar o que é dentro, o que é geneticamente como eu falei no início, mas se torna diferente. (Participante A).

A reprodução do discurso traz uma premissa segundo a qual o sexo indica o gênero que, por sua vez, indica o desejo (sexualidade), que, segundo Louro (2015), é a repetição de uma norma que atende à lógica binária, segundo a qual o sexo (macho ou fêmea) determina o gênero (masculino ou feminino) que determina o desejo (pelo sexo oposto). Essa norma se assenta no pressuposto de que o sexo existe fora da cultura, inscrito na natureza, que é considerado um domínio estável e universal. A determinação da sequência obrigatória, tanto não é natural que para se manter, precisa ser reiterada por diversas instituições (família, escola, igreja, mídia, etc.) como normas que regulam o gênero e a sexualidade.

Cabe, então, trazer a contribuição de Meyer (2010), ao dizer que a nova concepção do campo de gênero enfatizando o caráter sócio-histórico-cultural e linguístico não está tentando negar a materialidade dos sexos, mas de mudar o foco das análises “[...] do ‘corpo em si’ para os processos e relações que possibilitam que sua biologia passe a funcionar como causa e explicações e posicionamentos sociais [...]” (MEYER, 2010, p. 19), e não em compreender que determinadas características femininas ou masculinas lhe são determinantes.

O grupo fez também uma reflexão quanto à diferenciação das brincadeiras entre meninos e meninas: dos brinquedos diferentes; de que na escola havia os grupos separados, meninos brincavam de uma coisa e meninas de outra; dos brinquedos que ganharam de seus pais, bonecas para meninas, carrinhos para meninos, mas não fazem relação direta desses comportamentos com o fazer-se homem ou fazer-se mulher. Este discurso ficou marcado quando a participante B declarou que tinha um *kit* de panela, e logo depois disse que gostava de cozinhar, mas, quando foi questionada se teria aprendido esse papel, respondeu que não. Esse comportamento deixa clara a força dos processos culturais e sociais presentes em nossas vidas, nas entrelinhas, o micropoder que perpassa nossos discursos sem que sequer o percebamos, está em nossas relações diárias, nos atravessa para ditar as concepções que temos de nós. Assim como esclarece Louro (2010) concluindo que “[...] aparentemente se deduz uma identidade de gênero, sexual ou étnica através de ‘marcas’ biológicas; o processo é, no entanto muito mais complexo e essa dedução pode ser (e muitas vezes é) equivocada.” (LOURO, 2000, p.14).

A construção de nossos corpos, seres e identidade como homens, mulheres, homossexuais, transexuais, assexuais, travestis e outros não tem nada de harmônico e linear,

pois o gênero se amplia apontando para muitas formas de se viver a feminilidade e a masculinidade a depender dos espaços socioculturais e linguísticos em que vivemos.

Fazendo um apanhado geral das discussões dos participantes, podemos perceber que se traduz num discurso biologizante, normatizador de gênero, patriarcal e pautado no binarismo, ou seja, reproduzem as normas criadas em nossa sociedade para homens e mulheres, repassadas inicialmente pela família e mais tarde pela escola e demais instituições com as quais os indivíduos se relacionam. Podemos ainda questionar se estas conclusões seriam diferentes caso esses/as estudantes tivessem contato com o conteúdo sobre corpo, gênero e sexualidade na formação, se isso contribuiria para alterar a reprodução de estereótipos de masculinidade e feminilidade.

### **Corpo e diversidade sexual**

O corpo não é somente um dado natural, físico, ele é também o que tem em seu entorno, a roupa os acessórios, as intervenções que se realizam nele, a imagem que fazem dele, os silêncios que falam por ele, ou seja, é muito mais que um conjunto de ossos e músculos, são ilimitadas as suas possibilidades (GOELLNER, 2010).

O corpo é existencial, temporal e situado, o sujeito está num lugar e seu corpo é influenciado pelo local onde se encontra e é também representativo, visto que não é possível pensá-lo fora da história, dos valores, das condições socioculturais num dado momento (LE BRETON, 2007).

Quanto à diversidade sexual, Miskolci (2015) argumenta que o próprio termo ‘diversidade’, bastante utilizado nas políticas públicas, vem carregado de uma atitude de tolerância ou de convivência pacífica e que o termo ‘diferença’ traz em seu bojo um reconhecimento das transformações nas relações de poder, uma transformação social. É nessa perspectiva que trazemos as concepções sobre corpo e sobre o diferente, “o outro”, surgidas no grupo focal. O discurso que circulou foi de que deve haver um limite para o corpo, ou seja, existe um tipo de vestimenta adequada para cada ambiente, um tipo de roupa para meninos e para meninas, todos podem fazer o que quiser em seus corpos, mas se passarem muito do limite serão considerados estranhos, exóticos, anormais. Tais discursos são normalizadores, visto que impõem limites à expressão corporal para que possam ser valorizadas e aceitas culturalmente. Como por exemplo, na fala da participante A: “Aqueles pessoas góticas. Você olha e: – menino porque você é assim? Incomoda seus olhos, incomoda você”.

O discurso supra reflete a norma regulatória dos corpos impondo-lhes limites de sanidade, de coerência, de moralidade, de normalidade, por isso que os corpos que ultrapassam esses limites “incomodam os olhos”.

Para Foucault (2014), o corpo é uma superfície de inscrição cultural dos acontecimentos, sendo então variáveis as formas pelas quais podem ser aceitas em determinada sociedade e tempos. Foi justamente isto que se revelou nas representações dos participantes, que existem formas “padrões” e o que se afasta muito corre o risco de ser considerado estranho. Cabe ainda reconhecer que os limites dos corpos se alteram historicamente, por isso precisam ser sempre renovados, reiterados e transformados, assim como as transgressões também se movimentam (LOURO, 2015).

Além disso, durante a discussão surgiu o relato do participante C, o qual revelou que se tivesse uma filha em idade escolar não permitiria que ela fosse à escola com *short* curto, como forma de protegê-la dos meninos, que poderiam se sentir no direito de olhar e até tocar por causa de sua roupa; nesse caso, o participante responsabiliza as mulheres pelo assédio sofrido em virtude da escolha de roupas curtas. Nesse ponto a participante E colocou seu conflito:

A gente quer igualdade de gênero, isso é fato, a gente quer igualdade de gênero, mas a menina quando é muito jovem ela quer se expor, ela acha o corpo bonito, e, não que não seja, realmente é, e como ele disse, a gente quer igualdade de gênero, mas ao mesmo tempo quer impor restrições, porque ele vai com a roupa muito curta, os rapazes vão querer, sei lá, olhar, tocar, tirar brincadeira de mau gosto e ela não vai gostar e vai começar um conflito, um problema. [...] E eu posso me vestir como quiser e não deixa de ser certo e ele tem que me respeitar, só que não é assim que funciona quando você tem 14, 15 e 16 anos. (Participante E).

Nesse extrato fica evidente a compreensão de feminilidade e masculinidade como opostos e naturalmente diferentes quanto ao desejo, em que a feminilidade está associada à busca para agradar, despertar a atenção e o desejo masculinos. Não cabe à mulher expressar seus próprios desejos, e a sexualidade masculina está sempre associada à iniciativa, com a representação do corpo feminino como objeto de desejos e prazeres. Esse discurso, presente na fala de Eliane, reitera o desejo masculino como imperativo, heterossexual, e pressupõe a submissão feminina, à qual não cabe iniciativa e nem a expressão do próprio desejo. Nesse contexto até o “não” da mulher é interpretado como ritual de sedução, assim são naturalizados comportamentos de iniciativa, insistência e agressividade para o homem e de passividade, esquivada (entendida como sedução) para a mulher.

Dessa forma, ao analisar que o erro está na menina usar shorts e não nos meninos a tocarem, mostra que a mulher precisa ser sempre vigiada e punida, se necessário, se agir diferente do padrão esperado para o comportamento feminino. Além disso, os sujeitos são ensinados a silenciar as emoções, os desejos, a sexualidade nas diversas instituições de socialização. Os corpos são normatizados com papéis lugares para homens e mulheres bem definidos, pois:

A naturalização do corpo é um fenômeno social e simbólico que repercute na socialização de gênero, desde o início da vida, propondo sentidos e significações de masculinidade e feminilidade fixos para meninos e meninas, homens e mulheres. (DIAS et al, 2015, p.1).

O corpo passa a ser compreendido como fenômeno social e cultural; é carregado de sentido, é mutável, e obedece a normatizações que delimitam sua experiência no espaço social e existencial. Segundo Le Breton (2007), o discurso sobre o corpo masculino e feminino está carregado de julgamentos de valor socioculturais; mas, essas essências imutáveis de masculino e feminino, aliadas à dominação masculina, alicerçadas na família patriarcal estão desabando; hoje as pessoas têm comportamentos que eram antes atribuídas ao outro sexo, a feminilidade é múltipla, a masculinidade também.

Quanto à diversidade sexual, o discurso do grupo foi de que convivem bem socialmente e que nunca vivenciaram situação de preconceito contra homossexuais ou transexuais na Instituição. No entanto, demonstraram bastante incômodo com o comportamento de um professor homossexual em sala de aula, apesar de tentarem deixar claro que não tinha relação com a sua sexualidade, mas com a sua falta de postura ética em sala de aula, favorecendo abertamente os homens com notas, em detrimento das mulheres. Porém, apareceu no discurso de B, de forma marginal, que havia professores que paqueravam as garotas, mas esse discurso foi logo silenciado, não rendeu mais comentários. Voltou-se a falar na falta de ética do professor homossexual, que o mesmo não sabia manter a postura de professor em sala de aula misturando com sua sexualidade.

Nada, nada, nada. Para você ter uma ideia, tinha um aluno que nunca apareceu pra atividade e ele deu 8.0, e ele nem estava na aula, é muito gritante. Isso é a postura como professor? Mesmo se ele não fosse homossexual, fosse hétero e desse em cima das meninas, também seria errado. (Participante E).

Mas também tem muito professor aqui que dá em cima da gente né? (Participante B).

Mas não é em sala de aula. (Participante E).  
[...]

Mas esse professor do curso de vocês? (Pesquisadora).

Agora o daqui, comigo, particularmente, nunca teve nada. (Participante C).

Lógico (com gozação e risos). (Participantes B e E).

Ele nunca me deu nota, nem brincadeira, nem falta de respeito, nada, mas com colegas a gente vê que ele soltava uma piadinha ou outra. (Participante C).

Uma piadinha ou outra? Ele é terrível. (Participante E).

Mas isso tinha alguma ligação com a sexualidade dele? (Pesquisadora).

Tinha ver com a questão da ética, a postura dele como professor. (Participante E).

Nesse ponto é importante notar a ênfase dada à postura do professor homossexual em detrimento do comportamento do professor heterossexual, num quase silenciamento do comportamento deste último. Não estamos aqui relativizando nem aceitando como correto o comportamento do primeiro, somente mostrando que o fato deste ser declaradamente homossexual o coloca em destaque, por ser um comportamento que foge da norma heterossexual. Segundo Miskolci (2009), existe uma compulsoriedade à heterossexualidade que a naturaliza e a torna obrigatória, assim as pessoas que a subvertem tornam-se foco de estranhamento. Em outro momento da discussão, surgiu o discurso sobre o preconceito contra pessoas homossexuais, ocasião em que ficou demarcado que todo o discurso anterior de respeito, de tolerância estava mascarando um sentimento de superioridade e de permissão:

Talvez fosse o caso de alertar a garotada que ser preconceituoso, que “o feitiço vira contra o feiticeiro”, hoje se ela tá ofendendo amanhã pode ser a filha dela, como tem um conhecido de meus pais mesmo que o tio dele era gay assumido, e ele tinha preconceito com o tio, ofendeu o tio severamente e hoje ele tem um filho que tem tendência a ser homossexual. (Participante C)

Nesse caso, a homossexualidade assumiu papel de castigo para as pessoas preconceituosas, com uma conotação negativa, visto que a lógica que nos rodeia e impõe a normalidade como heterossexual é invisível, está ao nosso redor, em toda parte e se naturaliza em nossos comportamentos, ideias e atitudes (LOURO, 2008). Então se a posição de heterossexualidade foi construída em nossa sociedade como normal, qualquer identidade que se diferencie será considerada anormal. O mesmo participante, mais adiante, fala que no contato com a diversidade o mais importante é o respeito frente o diferente: “Eu acho que tudo é a base do respeito, seja de cor, de raça, de gênero. Tudo é respeito, por exemplo, o

amigo dela (aponta pra B) eu também considero como amigo, porque, eu sou homossexual? não, mas ele me respeita” (Participante C).

Nessa fala fica claro também que o respeito ao diferente está garantido, desde que o mesmo mantenha um comportamento “adequado”, que não o retire de sua zona de conforto, que permaneça nos padrões aceitáveis pela cultura da “normalidade”. Essa atitude de respeito está ligada à condescendência, à indulgência daquele que se percebe como superior. Ligada a uma atitude individual e psicológica, como aduzem Silva (2008) e Louro (2010), chamada de terapêutica, cuja meta seria uma mudança de atitude, perdendo de vista a visão crítica, para além da mudança de atitude, mas voltada para uma ação política coletiva. A participante B, quando questionada se aceitaria seu amigo homossexual caso ele começasse um movimento de transexualidade, respondeu que:

Aí eu vou ter que analisar um pouquinho pra responder, (sorrisos). Eu não sei como nesse caso, porque até ele mesmo se coloca como homem. [...] Eu não estive nessa situação e não sei como iria reagir. Se ele dissesse “eu quero ser mulher”, eu ia tomar um choque, não sei se eu iria excluir ele da minha vida porque ele ia ser ele de qualquer jeito. (Participante B, suprimimos).

Até mesmo para aceitar o homossexual é preciso que ele não desestabilize muito a lógica binária (heterossexual/homossexual), porque o ato de se assumir com outras identidades significa viver na fronteira, ser excêntrico abandonando a referência da posição central. Ou seja, desde que o homossexual se submeta à heteronormatividade, seja normalizado, adote um padrão de vida discreto, pode ser tolerado e ter convivência pacífica em sociedade.

Para Louro (2010), os sujeitos que desviam da norma não buscam o enquadramento nem aceitação, mas sim romper com a lógica dominante de uma identidade normal. Mas, a afirmação desses grupos é muito desestabilizadora, e é justamente o que demonstra a participante quando fica na dúvida se aceitaria a transformação de seu amigo, pois ainda não dispõe de referências para lidar com esses desafios. Esses sujeitos com comportamentos “exóticos” também acabam por incomodar ao ponto de aparecer nas discussões do grupo que eles são agressivos:

Eu acho complicado essa questão de como se comporta, às vezes eu acho que muita gente não gosta de homossexuais porque diz que eles são escandalosos. Só que eu não acredito, minha concepção é que aquela agressão toda, porque eu acho que é uma agressão, eu penso assim: você me incomoda, eu lhe incomodo, você não me aceita eu lhe incomodo. (Participante E).

Então a forma daqueles que vivem nas fronteiras e apresentarem é diferenciada, assim como a dos que se acham “normais” que têm uma série de códigos e recursos para se

representarem. Com a diferença de que o “outro”, por esse mesmo fato, é considerado irreverente e até mesmo desrespeitoso, pois desafia as normas estabelecidas. Louro (2010) acredita que essa apresentação diferenciada se faz como uma importante crítica às convenções de nossa sociedade contemporânea. Que vem para problematizar; e o fato que deve nos interessar é que eles são também integrantes da mesma sociedade e devemos, no mínimo, lhes prestar atenção. Ao mesmo tempo em que, quem atravessa, subverte ou desafia a fronteira do gênero, muitas vezes, utiliza a ironia e os exageros até como forma de evidenciar a arbitrariedade das normas regulatórias de gênero, mostrando seu caráter inventado e cultural, assim essas “[...] fronteiras constantemente vigiadas dos gêneros e da sexualidade, a crítica paródica pode ser profundamente subversiva” (LOURO, 2015, p. 20). É assim que esses corpos em fronteira, ou fora dela, considerados fora da norma, provocam estranhamento e desconforto.

Outra inquietação no grupo foi quanto à dificuldade de qualificar as identidades sexuais, qual a diferença de homossexual, travesti e outros, conforme os discursos a seguir:

Eu aceito porque se veste de menina; X eu não aceito porque se veste de menino. As duas são mulheres, homossexuais, mas uma se veste de mulher e a outra não. Eu acho isso muito confuso na cabeça das pessoas. Não faz sentido. (Participante E).

Aí é que tá a situação, eu acho que existem os homossexuais, no caso desse meu amigo, que é homem no corpo de homem, e tem outros que são mulheres no corpo de homem. (Participante B).

Não é necessidade de parecer com mulher ou com homem. É ser. (Participante E).

Ainda precisamos de que marcas no corpo nos mostrem uma identidade, uma que não nos cause confusão, sem ambiguidades. Nesse caso, as participantes discutem sobre as diversas formas de se manifestarem o gênero e a sexualidade através dos corpos, e a dificuldade que as pessoas têm de aceitar e entender as diferenças; aceitar que uma lésbica se vista como mulher e outra como homem, ou ainda que queira transformar seu corpo, ou que um homossexual utilize vestimentas de homem e que assim se denomine, enquanto outros/as performatizam seu corpo.

Se o ser humano nasceu homem ou mulher, ele não é obrigado a continuar sendo o que é, ele pode instaurar seu próprio gênero, multiplicá-lo, rejeitando toda e qualquer coerção de identidade a esse respeito. (LE BRETON, 2014, p. 26).

Mesmo que as normas regulatórias de gênero tentem delimitar, pois as normas sociais se impõem a todos e a todas, mesmo que não consigam obedecê-la ou não queiram. No

entanto, para Louro (2015), a visibilidade desses sujeitos serve para mostrar o caráter inventado das normas e a instabilidade das identidades e ainda sugerem as possibilidades de multiplicação das formas de gênero e sexualidade. Pois o gênero:

É o aparato pelo qual a produção e normalização do masculino e do feminino se manifestam junto com as formas intersticiais, hormonais, cromossômicas, físicas e performativas que o gênero assume. Supor que gênero sempre e exclusivamente significa as matrizes “masculino” e “feminino” é perder de vistas o ponto crítico de que essa produção coerente e binária é contingente, que ela teve um custo, e que as permutações do gênero que não se encaixam nesse binarismo são tanto parte do gênero quanto seu exemplo mais normativo. (BUTLER, 2014, p.253)

Então, a norma atribui inteligibilidade ao campo social e o normatiza, porém cria um paradoxo, pois quando algo está fora da norma, ainda assim, continua sendo significado dentro de seus parâmetros. É importante notar que essa norma produz sujeitos que a reproduzem naturalmente em seu dia a dia. A autora ainda completa que:

Desviar-se da norma de gênero é produzir o aberrante exemplo que os poderes regulatórios (médico, psiquiátrico, e legal, apenas para nomear alguns) podem rapidamente explorar para alavancar a racionalidade de seu próprio zelo regulador continuado. (BUTLER, 2014, p. 267).

89

Tanto Butler como outros/as teóricos/as pós-estruturalistas colocam que a oposição binária está presente não somente nos discursos homofóbicos, mas também nos discursos de defesa da homossexualidade, como é o caso das falas das participantes, onde o binarismo heterossexualidade/homossexualidade serve como referência.

Enfim, neste enunciado sobre corpo e diversidade sexual podemos perceber representações normalizadoras, onde tanto o corpo como a sexualidade devem ter limitações baseadas em modelos dominantes naturalizadas em nossa cultura. A heteronormatividade está presente nos enunciados e o diferente pode ser apenas tolerado, desde que cumpra os rituais obrigatórios aceitos pela cultura dominante.

### **Gênero e ciência**

Os cursos de licenciatura em Matemática e Química do IFS, diferente das estatísticas nacionais, não são guetos masculinos e no Curso de Química a maioria é de mulheres. Sobre essa diferença, o participante C tenta explicar essa diferença das estatísticas nacionais pelo fato de estarem numa licenciatura e não num bacharelado ou nas engenharias. Eles demarcam

também que não veem diferença de nível de inteligência entre homens e mulheres, são unânimes em dizer que todos/as tiveram a capacidade de entrar na Instituição, a partir das seleções realizadas, e que não percebem diferenças entre homens e mulheres quanto ao rendimento nos cursos, existem as diferenças, mas não estão ligadas ao sexo. A participante A traz a questão da mulher nos cursos de engenharia e homens em cursos de Enfermagem:

Agora assim, uma questão da mulher na engenharia, e da mulher na Matemática, eu acredito, acho assim, se ela tá é porque ela sabe mais um pouquinho. Não por ser mulher, Talvez assim, se não souber tanto quanto o homem. Mas não é pra esse lado do gênero, de ser masculino ou feminino, entendeu. É mais por esse lado de ser inteligente, acho que isso é menos pejorativo, do que um homem num curso de licenciatura ou num curso de enfermagem, vamos dizer assim, entendeu. (Participante A).

Você acha que as mulheres que estão na Matemática sofrem menos preconceito do que homens na Pedagogia. (Orientador).

Isso, eu acho, no caso eu fiz meu curso de Saúde naquela época, há quase 18 anos atrás, e tinha essa questão do homem que tá na área de saúde, ah é homossexual, essas coisas. Do que a mulher no curso de engenharia, ela é mais inteligente ou uma coisa desse tipo, numa fica como pejorativo assim nesse sentido. (Participante A).

90

A discussão se volta para os estereótipos, assim o homem que busca as áreas que são guetos femininos, por estarem ligadas a características consideradas femininas como o cuidado, o ensino e serviços, como prolongamentos de suas funções de dona de casa -, são classificados de homossexuais, efeminados, como forma de reduzi-los ao universo feminino que é de menos valor. E as mulheres que escolhem carreiras que são guetos masculinos têm que, obrigatoriamente, ser muito inteligentes, incomuns e até notáveis.

Para Cruz (2005), uma das justificativas mais plausíveis para a diferenciação das carreiras entre os gêneros é a naturalização da desigualdade que considera como biológico os constructos sociais e as práticas de homens e mulheres. Mas, acrescenta que os estereótipos de gênero ajudam a perpetuar as ideias e atitudes rígidas sobre os sexos, mas que vêm sofrendo, nas sociedades ocidentais, transformações e tornando-se mais flexíveis. Podemos notar que as áreas onde as mulheres são maioria têm a tendência de serem “pejorativas”, como disse o grupo, em consonância com Bourdieu (2014), quando diz que o espaço que as mulheres ocupam carrega um aspecto de inferioridade.

Quanto aos estereótipos masculinos e femininos, surgiu no grupo uma discussão de que na realidade deles/as em sala de aula, eles/as nem sempre se aplicam e trazem exemplos de que estas características na verdade nada têm a ver com o gênero:

A gente consegue perceber bem nas comunicações que foram realizadas em sala de aula, tinham meninas que eram muito travadas, tinham rapazes que iam muito bem lá na frente. Então depende da pessoa mesmo. (Participante E).

Tem um colega mesmo, que, eu gosto de falar e ele gosta de falar três vezes mais do que eu e ele é super despojado assim nas aulas. (Participante B).

E a gente carrega isso na cabeça, o que, que a mulher tem mais facilidade de ir lá na frente e conseguir controlar uma turma, mas não necessariamente, o homens se saíram muito bem, eles conseguem. (Participante E).

Apesar de os comportamentos serem aprendidos sócio, cultural e linguisticamente, como: “as mulheres falam mais”, “os homens são mais durões”, entre outros, os participantes trazem à tona que esses comportamentos não se aplicam a todas as pessoas; e mais, acreditam que não estão ligados a uma identidade fixa de homem e de mulher. A discussão colocada acima se refere ao estereótipo de que as mulheres são “faladeiras”, e as duas participantes dão exemplos de que esta não é uma condição inerente ao gênero, pois dão exemplos de homens que apresentam tal característica. Esses estereótipos, quando levados por professores para a sala de aula, principalmente na educação básica, ajudam a formar a ideia nos estudantes que a área das ciências exatas está mais voltada para os homens por suas características peculiares como melhor raciocínio lógico e habilidade com cálculo, naturalizando habilidades sociais. Nas falas avaliadas neste tópico, percebeu-se que os/as participantes tentam desnaturalizar algumas características associadas ao sexo; no entanto, este é um dado contraditório, visto que no início do grupo focal quando foram solicitados a listar características para homens e para mulheres, fizeram uma lista com características que naturalizam algumas habilidades e comportamentos sociais.

A ideia de que algumas carreiras são mais adequadas para homens ou para mulheres baseada em habilidades sociais ligadas a estereótipos de gênero trazidos por professores da educação básica para as salas de aula (re)produz uma visão sexista e desigual que acaba por reforçar os guetos na escolha das profissões.

### **Considerações finais**

As representações dos/as estudantes foram analisadas com base nos discursos que direcionaram suas falas no grupo focal. Como primeiro enunciado das análises, surgiu a discussão sobre sexo e gênero no qual os/as estudantes reproduziram as normas de gênero mais marcantes em nossa sociedade que impõem a normalização dos sexos a partir do modelo

binário, biológico e heterossexual, contribuindo para a (re)produção de estereótipos de masculinidade e feminilidade.

A concepção dominante foi que deve haver um limite para o corpo e todos/as que ultrapassam o limite são corpos estranhos. Trouxeram também uma discussão de que os corpos devem obedecer a normas estabelecidas a partir do sexo biológico, ou seja, reproduzem a ideia de que existem sentidos e significados de masculinidade e feminilidade fixos que devem ser seguidos por homens e mulheres.

Quanto ao enfrentamento da diferença trazem concepções que se distanciam da perspectiva de transformação, adotando uma postura homofóbica que naturaliza a heterossexualidade como norma, tratando os que se diferenciam como anormais. Tal situação se agrava quando o/a homossexual não cede às normas heterossexuais para ser aceito e transforma-se e performatiza-se, nesse momento torna-se repulsivo.

Durante a realização do grupo focal também surgiu um debate acerca das carreiras, em que os estudantes percebem que existem áreas que são mais ocupadas por homens e outras mais ocupadas por mulheres e que as pessoas, tanto as mulheres que entram em carreiras consideradas masculinas como os homens que entram em carreiras consideradas femininas, enfrentam o preconceito devido aos estereótipos de gênero. Nesta discussão, no entanto, os/as participantes reconhecerem que algumas características não podem ser naturalizadas, pois podem fazer parte do repertório tanto de homens como de mulheres.

Dentro das discussões do grupo encontramos discursos tradicionais atravessados pela heteronormatividade, por micropoderes dos quais não temos, muitas vezes, consciência e que reforçam a visão dicotômica de corpo, gênero e sexualidades, mas também discursos marcados por contradições e subversões. E, a partir das primeiras impressões, podemos inferir que a temática do corpo, gênero e sexualidades não fez parte do currículo oficial, nem tão pouco esteve presente em debates e discussões durante a formação. Essa ausência poderá trazer implicações negativas, visto que os/as futuros/as professores/as vão trabalhar com a educação básica utilizando como instrumento a concepção que aprenderam, reduzindo o corpo, o gênero e a sexualidade a explicações biologizantes, que reforçam preconceitos e estereótipos, fazendo com que a diferença seja “marcada”, negativamente. Ou, na melhor das hipóteses, tratando a diferença com tolerância e a convivência, sem, contudo se misturar com eles, mantendo uma atitude arrogante de superioridade.

## Referências

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Trad. Renato Aguiar, 3 ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

BUTLER, Judith. Regulações de gênero. **Cadernos Pagu**, v. 42, p. 250-274, jan.-jun. 2014.  
ANDRADE, Fernando César Bezerra; CARVALHO, Maria Eulina Pessoa; MENEZES, Cristiane Souza. **Equidade de gênero e diversidade sexual na escola: por uma prática pedagógica inclusiva**. João Pessoa: Universitária/UFPB, 2009.

CRUZ, Maria Helena Santana. **Trabalho, gênero, cidadania: tradição e modernidade**. São Cristóvão: UFS, 2005.

DIAS, Alfrancio Ferreira ; CARVALHO, Maria Pessoa de ; SILVA, Francisca Jocineide da Costa; LUNA, Maria Stella Nunes. Representações sobre corpo, gênero e sexualidades ao longo da vida: discursos de estudantes de pós-graduação em educação. **Cocar**, Belém, vol. 9, n 17, p.143-153, jan.-jul. 2015.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1: a vontade de saber**. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2015.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A produção cultural do corpo In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre. **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.p. 28-40.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. Petrópolis: Vozes, 2007.

LE BRETON, David. Corpo, gênero, identidade. In: FERRARI, Anderson et al. **Corpo, gênero e sexualidade**.Lavras: Universidade Federal de Lavras, 2014. p.17-34.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2. ed.. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 07-35.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas, **Pro-Posições**, Campinas, v. 19, n. 2 (56), p. 17-23, maio/ago., 2008.

LOURO, Guacira Lopes. Currículo, gênero e sexualidade. In: LOURO, G. L; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 5. ed.. Petrópolis: Vozes, 2010.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre a sexualidade e a teoria queer**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

MEYER, Dagmar Estermann. Gênero e educação: teoria e política. In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER Silvana Vilodre (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

MISKOLCI, Richard. A teoria queer e a sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. **Sociologias**. Porto Alegre, ano 11, n. 21, p. 150-182, jan./jun., 2009.

MISKOLCI, Richard. **Um aprendizado pelas diferenças**. 2 ed.. Belo Horizonte: Autêntica;Ouro Preto: Universidade Federal de Ouro Preto, 2015.

PARAÍSO, Marlucy Alves; MEYER, Dagmar Estermann. Metodologias de pesquisa pós-críticas ou Sobre como fazemos nossas investigações. IN: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (Org.). **Metodologias de pesquisa pós-crítica em educação**. Belo Horizonte: Mazza, 2012. p. 15-22.

SANTOS, Elza Ferreira dos. **Gênero, educação, profissional e subjetividade: discurso e sentidos no cotidiano do Instituto Federal de Sergipe**. 2013. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Sergipe (UFS). São Cristóvão: UFS, 2013.

SEFFNER, Fernando. Um bocado de sexo, pouco giz, quase nada de pagador e muitas provas: cenas escolares envolvendo questões de gênero e sexualidade. **Estudos Feministas**. Florianópolis, v.19,n.2: 336, p. 561-572, maio-ago. 2011.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e a diferença. In: SILVA, TomazTadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 8. ed.. Petrópolis: Vozes, 2008.p.73-102.

***Doutoranda Helma de Melo Cardoso***

Universidade Federal de Sergipe –Brasil

Programa de Pós-graduação em Educação

Membro do Grupo de Pesquisa: Educação, Formação, Processo de Trabalho e Relações de

Gênero/CNPq

E-mail: helma.2010@hotmail.com

***Dr. Alfrancio Ferreira Dias***

Universidade Federal de Sergipe –Brasil

Programa de Pós-graduação em Educação

Pesquisador do Núcleo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares sobre a Mulher e Relações

Sociais de Gênero (NEPIMG/UFS)

E-mail: diasalfrancio@hotmail.com

Recebido em: 15 de maio de 2016

Aprovado em: 28 de outubro de 2016